

P R O S A

GERALDO LIMA

O homem que tocou o seu corpo à noite, o homem que esteve no seu corpo à noite, o homem que se apoderou do seu corpo à noite, tudo lhe parece tão provisório, esgotado após o gozo, quer algo que dure, que a faça adentrar o mundo acesa, abre a porta, é dia, o sol a faz arder.

*

Sento-me, pernas cruzadas, nesga de carne à mostra: a isca. O mínimo de reputação preservado. Se olhar para mim, fisgo-o — peixe graúdo em meio à miudeza. Deve se debater: o macho surpreendido em sua rotina de caça. Mas devo me manter firme, arrastando-o até aqui só com o arpão do olhar.

*

Os homens chegaram e abriram fogo. Depois sumiram por uma fenda na parede, por uma passagem secreta no corpo do dia.

*

Estacou ali, no meio do nada, o ser tomado de solidão e medo.

*

Assim que adentrou a sala, tudo começou a gravitar em torno dela. Nunca mais serei o mesmo, pensou, já preso à sua órbita.

*

Sucumbiu aos apelos dum chamado estranho, vago. Agora, no ermo, espera, aflito, o céu se abrir num clarão.

*

Desde a infância carregava aquele corpo inexpressivo, carente de carne e força. Doenças e vagar a ermo alimentavam-se do seu ser.

*

Deixou o copo de vidro cair assim que ele apareceu no vão da porta.

Geraldo Lima nasceu em Planaltina (GO) em 1959. É professor, escritor e dramaturgo. Tem publicados os livros: A noite dos vagalumes (contos), Baque (contos), UM (romance), Nuvem muda a todo instante (infantil), Tesselário (minicontos) e Trinta gatos e um cão envenenado (teatro). É colunista dos sites O Bule e Portal Entretextos, e do blog Dona Zica tá braba. Colabora com o jornal Opção, com o Jornal de Sobradinho e com a revista eletrônica TriploV. Blog: www.baque-blogdogeraldolima.blogspot.com.